

APRESENTAÇÃO

Há algo de errado com a crítica literária no Brasil. Essa é apenas uma conclusão a que podemos chegar depois de ler a presente edição da *Estação Literária*, dedicada a Julio Cortázar (1914-1984). Tal conclusão, no entanto, não provém da leitura dos ensaios que a revista publica, e sim do atual estágio dos estudos cortazianos em nosso país, que os ensaios reunidos nesta edição tentam, de alguma forma, reverter.

Há mais de meio século Julio Cortázar fascina seus leitores. Os motivos desse fascínio são múltiplos como é múltipla a obra cortaziana. Sua malha textual, engenhosamente tramada, como uma teia de aranha, captura o leitor; seus labirintos narrativos, repleto de passagens subterrâneas, onde perder-se é a regra, cativam o leitor; sua multiplicidade de temas e perspectivas, como um universo íntegro e paralelo, magnetiza o leitor. As consequências desse fascínio, por sua vez, são múltiplas também. Escritores tomam a obra cortaziana como modelo, e a reelaboram; críticos a tomam como objeto de análise, e a dissecam. E Cortázar, múltiplo em si, crítico e criador, se multiplica em outros críticos, outros criadores.

No caso da crítica, a obra esfíngica de Cortázar propõe ao leitor o contínuo desafio de interpretá-la. E tal desafio tem recebido um caudal de respostas. Desde 1963, ano de publicação de *Rayuela*, a produção acadêmica sobre Cortázar – teses, livros, ensaios, artigos – mantém-se em crescimento. Dessa produção, Sara Lo, em 1985, elenca mais de 2.600 títulos, entre fontes primárias e secundárias, no seu *Julio Cortázar, His Works and His Critics: a Bibliography*. Esse número encontra-se hoje, claro, completamente desatualizado. Uma breve consulta a bancos de dados de bibliotecas especializadas nos mostra que o volume total de textos críticos sobre Cortázar, sobretudo na América hispânica e nos Estados Unidos, mas também em centros universitários europeus, tem aumentado, ano a ano, de modo substancial. Os números atualizados da bibliografia crítica sobre Cortázar – números, aliás, em constante expansão –, se os obtivéssemos, apenas atestariam por estatística o que todos nós já sabemos pela percepção da experiência: que a obra cortaziana é um marco incontornável da moderna literatura latino-americana.

Por esse prisma, afigura-se no mínimo preocupante que, no Brasil, a principal referência crítica sobre Julio Cortázar seja um estudo de 1973(!): *O escorpião*

encalacrado, de Davi Arrigucci Jr. Houve, é certo, publicações mais recentes, de pesquisadores brasileiros, que examinam a obra cortaziana. No entanto, a bibliografia dos ensaios desta edição, bem como o texto de chamada da revista para a publicação dos ensaios – só para ficar em dois exemplos próximos – reforçam a ideia de que o livro de Arrigucci Jr., publicado há 42 anos, e a 11 da morte de Cortázar, continua a ser a principal referência bibliográfica dos estudos cortazianos no Brasil. Se esse argumento estiver correto, há definitivamente algo de errado com a nossa crítica literária, e seu olhar autocentrado, que a *inibe* (não sei se este é o verbo mais apropriado) de cruzar suas fronteiras na direção de outras línguas, outras culturas, outras literaturas.

Louvem-se, nesse sentido – e este é o ponto a que se queria chegar nesta apresentação –, uma revista como a *Estação Literária*, e sua presente edição, ou mesmo edições passadas, como a do Vagão 8A, que focalizou a África lusófona e a afro-brasilidade, ou a do Vagão 7, que pôs em destaque a América Latina, ou ainda a divulgação de ensaios em outras línguas que não o português, ou dedicados a outras literaturas que não a brasileira. É preciso internacionalizar nossa crítica, fazê-la menos autocentrada (quase diria menos provinciana) e mais ambiciosa; e uma revista como a *Estação Literária* contribui decisivamente para isso.

Nesta edição, o leitor encontrará um Cortázar multidimensional. O Cortázar mítico-poético e o político. O Cortázar viajante, ou da narrativa de viagens. Cortázar e suas relações com a antropologia e a filosofia. O Cortázar do conto, do romance e da crítica. A obra cortaziana desde um ponto de vista semiótico. São muitos Cortázares, e muitos ainda por revelar. Que a metáfora da “partida dos vagões” seja, no caso desta edição, o prenúncio de um caminho cuja trilha nos leve a *redescobrir* um *novo* Cortázar. Redescobrir o novo. Não é para isso, entre outras funções, que serve a crítica?

Mario Higa

Middlebury College